



Daniela Toviansky

Edwin Willis

Um americano no ninho brasileiro

Um dos últimos **naturalistas** do Brasil, o **ornitólogo** e professor aposentado da Unesp em Rio Claro ganhou **destaque** por compilar mais de **700 aves** paulistas e agora **deixa** a comunidade científica ansiosa pela **segunda** parte da **obra**

Vanessa de Sá ●
unespciencia@unesp.br

2 462. O número impressiona. Mais ainda quando se sabe que corresponde a páginas escritas à mão, numa letra miudinha. O catatau, em constante processo de atualização, reúne as referências bibliográficas dos trabalhos publicados sobre o comportamento e a reprodução de todas as mais de 700 espécies de aves existentes no Estado de São Paulo.

Tarefas dessa magnitude, que exigem saúde, uma tremenda dedicação e, fundamentalmente, têm as aves como tema, fazem parte, já há algumas décadas, do dia a dia do ornitólogo americano Edwin O'Neill Willis, que adotou o Brasil como pátria há mais de 40 anos.

Ele fez desses animais o ponto central de sua vida. E, movido por um sentimento de retribuição ao país que o acolheu, faz questão de propagar a informação que adquiriu ao longo de mais de 60 anos

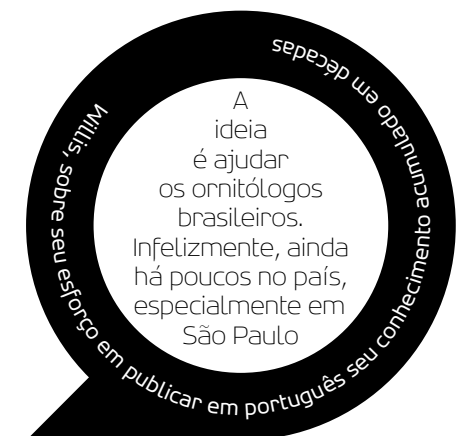
de pesquisa. Para isso, há mais de três décadas decidiu se debruçar sobre uma língua que não é a sua – o português – para disseminar esse conhecimento.

“A ideia é ajudar os ornitólogos brasileiros. Infelizmente, ainda há poucos no Brasil, especialmente em São Paulo. Eles são mais numerosos no Rio Grande do Sul”, diz o professor aposentado da Unesp em Rio Claro.

Ex-orientandos são taxativos: Willis “respira” aves. “Se você me perguntar que comida ele gosta ou para que time de futebol ele torce, se é que ele gosta de futebol, eu não saberia dizer. Ele vive para as aves”, resume o professor doutor José Carlos Motta-Júnior, do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências da USP de São Paulo.

Isso fica claro tão logo se chega à casa dele, em Rio Claro. No jardim, uma árvore exótica foi estrategicamente plantada

por ele e pela mulher para atrair beija-flores. “Tem um que aparece toda tarde, se limpa e passa um tempo aqui, e o Ed sempre está atento para ver se ele veio ou não”, conta a mulher, a também ornitóloga Yoshika Oniki.





O que dizem sobre Edwin Willis

Fábio Olmos

diretor da Permian Brasil Serviços Ambientais

Aves do Estado de São Paulo é a grande base para o que hoje sabemos sobre as espécies paulistas em risco de extinção. Para um ornitólogo, o talento depende do reconhecimento das vozes das aves. Acredito que se nasce ou não com isso. Ele nasceu com esse talento espetacular. E o fato de ele querer passar todo seu vasto conhecimento em português é prova de que ele quer fazer algo para nós, pesquisadores brasileiros. É o maior ornitólogo vivo do país.

Alexandre Aleixo

curador da Coleção Ornitológica do Museu Paraense Emílio Goeldi

Em seus trabalhos, fica evidente que Willis passava o dia todo seguindo aves. Mas ele não é apenas um grande observador da história natural e do comportamento desses animais. O embasamento teórico dele é muito grande. Willis é fora de série. Foi no tempo dele, mas acho que seria em qualquer época.

Luis Fábio Silveira

curador das Coleções Ornitológicas do Museu de Zoologia da USP

É até difícil falar sobre a influência do Willis na Ornitologia, tamanha a quantidade de assuntos de que ele tratou. Ele contribuiu para a profissionalização dessa ciência. É inspirador ver alguém na idade dele ainda ativo, trabalhando, passando o dia todo em uma biblioteca consultando publicações sem reclamar de cansaço. Sua honestidade intelectual e energia permeiam sua influente obra.



Com a mulher, Yoshika Oniki: parceira na vida pessoal e na Ornitologia

E apesar da idade (76 anos) e da saúde frágil, ele continua ativo. Foi com as meias sujas de barro – prova de que acabara de voltar de campo – e os pés calçados em chinelos que ele recebeu a reportagem. Entre os projetos a que se dedica atualmente, Willis tem estudado as aves que se estabeleceram na cidade onde vive, daí o interesse especial por beija-flores e outros passarinhos que visitam seu quintal. Já são 28 anos de Rio Claro, quase todos eles vividos na Unesp, onde se aposentou como professor titular em 2005.

O interesse por aves praticamente nasceu com ele. Desde criança, eram os frangos, e não cachorros ou gatos, que chamavam sua atenção. “Meus pais tinham muitos frangos em casa, no Alabama. Eu os nomeei e conhecia cada um pelo nome. Eu tinha, por exemplo, uma galinha chamada Ilda. Eu gostava de entrar na mata, seguir os córregos, procurar por ninhos”, conta.

Na trilha de correições

Formado em Biologia pela Universidade Politécnica da Virgínia (1956), com doutorado pela Universidade da Califórnia (1958) e pós-doutorado pelo Museu Americano de História Natural (1966), Willis desconversa quando é perguntado sobre que grupo de aves mais desperta sua curiosidade e diz que todos o interessam igualmente.

Não é bem verdade. Vê-se o orgulho estampado no rosto quando ele narra ter sido o primeiro a descobrir, quando fazia

o mestrado pela Universidade do Estado de Louisiana, a existência de uma diferença fundamental entre duas espécies de aves que viviam em Belize: uma delas seguia formigas-de-correição. “Havia duas espécies cujos machos eram vermelhos (*Habia rubica* e *Habia gutturalis*) e ninguém sabia qual era a diferença entre as duas. Eu fui o primeiro a relatá-la, no final dos anos 1950”, recorda o professor.

Nasceu ali uma paixão que o levaria a viajar por quase toda a América Central, parte da América do Sul, Amazônia e até a África, sempre em busca de conhecimento sobre essas espécies peculiares de aves. Resultado: até hoje, quando se fala delas, o nome do americano surge como referência fundamental. Até porque são muito poucos os pesquisadores que dedicaram esforços ao estudo desses animais.

“Estudar aves que seguem essas formigas não atrai qualquer tipo de pesquisador. É preciso ficar 50, 60 dias na mata sendo picado por insetos. E, pior, as formigas-de-correição não constroem um ninho permanente, mudam de lugar toda noite, o que significa passar a noite na mata também”, ressalta Yoshika.

Diferentemente da maioria das formigas, as chamadas formigas-de-correição protagonizam uma cena fascinante. Tal qual um exército, elas saem aos milhares, formando frentes de ataque contra outros insetos e até pequenos mamíferos, numa voracidade que impressiona. Nem todo



Um dos muitos livros de campo do pesquisador; observando uma “pele” (como chama os animais empalhados); e suas obras

mundo é capaz de notar, mas algumas espécies de aves permanecem nas redondezas, vocalizando e aproveitando a fuga dos insetos para os capturarem.

Foi graças a esses estudos, por exemplo, que o rendadinho, ave muito comum na Amazônia, teve o gênero renomeado para *Willisornis* em homenagem ao professor. Willis foi o primeiro a apontá-lo como uma espécie que forrageava próximo de formigas-de-correição.

Por conta de alguns traços, ele era colocado dentro do gênero *Hylophylax*, que não reúne apenas aves de correição. Só mais recentemente chegou-se à conclusão de que o pássaro, hoje chamado *Willisornis poeciltonus*, tinha características únicas e, portanto, não fazia sentido que ele pertencesse ao antigo gênero.

Para Alexandre Aleixo, curador da Coleção Ornitológica do Museu Paraense Emílio Goeldi, Willis foi o maior estudioso desses animais e o responsável por mostrar que eles são um grupo ecológico único. “Pensar que ele fez boa parte dos estudos em uma época em que não existiam recursos como a radiotelemetria, que permite rastrear animais em seus habitats naturais, é ainda mais impressionante.”

Pioneiro da conservação

Mas o pesquisador não se debruçou apenas sobre a complexa relação entre as aves e essas formigas, que resultou em dezenas de artigos científicos e até em



um livro, publicado em 1972. Ele foi um dos primeiros a chamar a atenção para a Biologia da Conservação ainda nos anos 1970, época em que ideias como biogeografia de ilhas e fragmentação ainda davam os seus primeiros passos.

Partindo de princípios como a relação entre o tamanho de uma área natural e o número de espécies, a comunidade científica iniciou naquela época um grande debate, que perdurou por anos, sobre se o melhor seria manter uma única e grande área de preservação ou várias menores, cujo tamanho total seria equivalente ao da maior. A contenda ficou conhecida como dilema de Sloss (ou Single Large or Several Small).

Com base em suas pesquisas no Panamá, realizadas durante o seu doutorado, Willis foi, ao lado de ícones da Biologia como os norte-americanos Edward O’ Wilson (1929-) e Robert MacArthur (1930-1972), um dos primeiros a defender, em 1975, a importância da manutenção de grandes áreas de conservação.

“Eu descobri, na ilha de Barro Colorado [Panamá], que uma mata pequena pode abrigar poucos indivíduos de cada espécie e que eles podem desaparecer se ela diminuir demais. Ainda que preservada, uma área natural menor, quando sob o efeito de seca ou de doenças, pode levar ao desaparecimento de uma espécie. Eu fui testemunha disso quando estava lá. Uma ave que eu estudei já desapareceu. As

fêmeas morreram, sobraram uns poucos machos, que acabaram por sumir”, relata.

Willis conta que observa o fenômeno também na região de Rio Claro, que sofre com a falta de chuva há alguns anos. “Eu dei a ideia de que seria bom termos parques relativamente grandes ou parques interligados por corredores. Caso uma espécie desapareça, outras podem ‘entrar’ por esses corredores. É preciso preservar conexões entre áreas de vegetação natural, assim como áreas maiores. Muitos acham que isso é um exagero, mas os cientistas sabem que é preciso.”

Outro artigo, publicado por Willis em 1979 na publicação *Papéis Avulsos de Zoologia*, no qual descreveu a avifauna em três frações de mata distintas do Estado de São Paulo, foi o primeiro a abordar o





Apesar da idade, Willis ainda vai a campo; aqui na Estação de Itirapina, em 2010



Prancha feita por Tomas Sigrist da maria-da-restinga, identificada pelo pesquisador



Rendadinho teve o gênero renomeado para *Willisornis* em homenagem a Willis

efeito da fragmentação florestal sobre a população de aves.

“Ninguém falava daquilo na época”, lembra o ornitólogo Pedro Develey, diretor de conservação da Bird Life/Save Brazil. “Além de ser um exímio observador, ele tem a visão de processos top da ciência, como é o caso da fragmentação. Talvez seja um dos poucos pesquisadores que viajaram pelo Estado de São Paulo e que conseguiram testemunhar o processo de degradação”, conta.

“Esse trabalho é considerado seminal, foi o que mais influenciou as pesquisas sobre fragmentação no Brasil. O que Willis defendia, já naquela época, acabou por se consolidar como o beabá da Biologia da Conservação”, complementa Aleixo.

Uma vida em campo

Willis é tido por boa parte de seus pares como um dos últimos naturalistas ainda vivos no país, alguém para quem o trabalho de campo é indissociável das tarefas cotidianas. “Se há algo que o define é sua capacidade de campo. Ele é um meticuloso observador da história natural e do comportamento das aves”, relata o ornitólogo do Goeldi.

“Para mim, o Willis é um dos últimos ‘naturalistas do século 20’ ainda vivos. No meio do mato, ninguém tem tanto conhecimento quanto ele”, brinca Motta-Júnior.

Um fato ilustra bem o quanto lazer e trabalho de campo são, para o pesquisador, praticamente sinônimos. Em 1974, depois de uma estadia de 28 meses na Amazônia, o casal resolveu fazer uma viagem de Variant pela Transamazônica e por alguns Estados do Nordeste para finalmente chegar a São Paulo.

Com a filha ainda criança no carro, percorriam quase 500 km diários, praticamente sem ver viv’alma. Anos mais tarde, em 2002, a epopeia por estradas de terra viraria tema de um artigo, assinado por ele e pela mulher: **Descobertas ornitológicas através da Transamazônica e Nordeste brasileiro.**

Mais do que um exímio observador e identificador de aves, ele é também conhecido por seus livros de campo, empilhados às centenas em sua casa e que

contêm ilustrações do comportamento das aves, registros do tempo e outras dezenas de informações. “Tenho material para mais uns mil livros”, confessa.

Willis também é um dos raros pesquisadores no país a escrever o que se convencionou chamar de *journals*, uma espécie de diário que segue uma escola inaugurada pelo zoólogo Joseph Grinnel (1877-1939) e disseminada por Alden Muller (1906-1965), com quem o ornitólogo aprendeu como fazê-los.

O método, que ficou conhecido por Sistema Grinneliano de Notas de Campo, prega registrar todas as atividades de campo com extrema precisão e acuidade. O pintor naturalista Tomas Sigrist, que responde pelas ilustrações do último livro do pesquisador, *Aves do Estado de São Paulo* (Editora Divisa, 2003), conta que a confecção dos *journals* ensinada a ele pelo mestre foi a grande responsável pelo aprimoramento de seu trabalho.

“Quando se vai a campo, muitas das observações que se faz, se isoladas, podem parecer aleatórias e descompromissadas. Mas o acúmulo dessas notas, que em princípio podem parecer casuais, é que faz, boa parte das vezes, com que o trabalho tome forma e direcionamento. Isso foi fundamental para mim e mais tarde descobri que quase 100% dos pintores de natureza usam a mesma técnica”, explica.

Sigrist conta também que tudo que Willis observava em campo sempre foi compartilhado de forma muito aberta com seus alunos. “Ele nunca teve medo de que alguém se aproveitasse disso. Boa parte dos pesquisadores tende a guardar segredo. Ele valoriza muito o pensamento e sempre discutiu assuntos complexos de forma a que o outro se sentisse em pé de igualdade com ele.”

Parceria no amor e na pesquisa

Com o passar dos anos, porém, e uma diminuição natural do pique para encarar o campo, Willis e a mulher passaram a fazer nas bibliotecas paulistas e americanas, e depois na internet, suas “viagens a campo”. “Eu adoro uma biblioteca”, diz-se o pesquisador.

A relação de Willis e Yoshika, que já dura 41 anos, é daquelas que remetem aos romances. Raras vezes se testemunha, especialmente entre iguais – dois ornitólogos –, tamanha harmonia e cumplicidade quando se trata de produção científica. Os dois se conheceram na Amazônia.

“Eu já havia estado lá algumas vezes, mas voltei a Belém em 1966 para ajudar um projeto que também era tocado pela Yoshika. Nos casamos em 1970”, relembra.

“A parceria entre os dois é algo incrível. E Yoshika o ajudou tremendamente a carregar a bigorna”, conta o ex-orientando Fábio Olmos, hoje diretor da Permian Brasil Serviços Ambientais. Quando é perguntado sobre se o fato de Yoshika também ser ornitóloga contribuiu para o desenvolvimento de seu próprio trabalho, o pesquisador abre um largo sorriso. “É...”

Foi a quatro mãos que o casal desenvolveu e escreveu uma parte significativa de sua produção científica e de suas obras científico-literárias, marcadas pelo intenso trabalho investigativo, seja em museus, seja em bibliotecas.

Um dos mais significativos é *Bibliography of Brazilian Birds: 1500-2002* (Divisa Editora, 532 páginas), lançado em 2002. A obra reúne nada menos do que cinco séculos de trabalhos feitos sobre as aves do país, que tiveram início com Padre Anchieta.

Depois veio *Aves do Estado de São Paulo*, que registra o local onde cada uma das 770 espécies do Estado foi vista, por qual pesquisador – muitas delas pelo próprio ornitólogo – e em que momento. O livro tornou-se uma importante referência para o conhecimento das espécies ameaçadas no Estado.

Esse monitoramento é um trabalho que ele continua fazendo (não mais in loco, mas a partir de uma compilação da bibliografia existente) e é a base para a publicação de uma segunda parte desse compêndio. “Acompanho pela internet quem está publicando sobre alguma ave de São Paulo. Tenho centenas, milhares de referências”, conta o ornitólogo. A nova obra reunirá também dados sobre comportamento, reprodução e vocalização de todas as espécies paulistas listadas

no primeiro livro.

A ideia de fazer essa continuação nasceu já na época em que o casal trabalhava na obra original, nos idos de 1983. A coisa tomou corpo e se transformou numa missão colossal, que reflete muito da personalidade do professor: o desejo de não deixar nenhum conhecimento de fora.

“Agora, por exemplo, estou reunindo trabalhos sobre a coruja de casa (*Tyto alba*) e descobri uma revista que tem muitas publicações sobre células do bicho. Nem eu sabia que havia tanta publicação sobre essa coruja no mundo nem sobre as células desse animal”, conta.

“Mesmo que eu reúna centenas de publicações sobre ela, acho que há outras dezenas na literatura, meio escondidas, escritas em francês ou, pior ainda, em polonês ou russo. Estou tentando obter o máximo de referências que conseguir”, complementa o pesquisador.

Para Luis Fábio Silveira, curador das Coleções Ornitológicas do Museu de Zoologia da USP, o grande ‘barato’ do livro será a parte dissertativa, pois Willis colocará ali não apenas o seu vasto conhecimento sobre as espécies, mas também ideias, teses que ao longo dos anos formulou sobre elas.

“Essa será a obra da vida dele”, afirma. Quando indagada se o trabalho está perto do fim, Yoshika declara: “Eu estou fazendo a correção e esse é um processo bem doloroso. Eu corrijo, mas ele continua a acrescentar. Vamos ver quando isso termina”. A comunidade científica aguarda ansiosa.

